

*Freud e os medievais: as fronteiras entre História e Psicanálise nas memórias do abade Guiberto De Nogent (c.1055-c.1125)**

CARLILE LANZIERI JÚNIOR
Faculdades Integradas de Cataguases

RESUMO

Em 1115, o abade beneditino Guiberto de Nogent escreveu seu livro de memórias, *Monodies*. Dividida em três partes, essa obra foi pouco conhecida em sua época. Apenas no século XVII começou a ganhar destaque em estudos feitos por pessoas de formações variadas. Entretanto, muitos daqueles que tiveram *Monodies* em mãos não conseguiram entendê-la como produto cultural de um determinado período. No presente artigo, nossa proposta é debater a abordagem psicanalítica que predominou nas pesquisas sobre esse livro a partir dos anos 70 do século XX, e apresentar algumas metodologias que acreditamos serem de grande importância para o estudo dessa e de outras fontes medievais.

PALAVRAS-CHAVE: História; Psicanálise; Guiberto de Nogent.

ABSTRACT

In 1115, the benedictine abbot Guibert of Nogent wrote his book of memories, *Monodies*. Shared in three parts, this work was not much known in its time. Just in seventeenth century it started to earn prominence in

researches made by people from different formations. However, many of those who had Monodies in their hands did not attained understand it like a cultural product from a specific time. In the present article, our proposal is to discuss the psychoanalytic approach that predominated in the researches about this book from the seventies of the twelfth century, and to show some methodologies that we believed to be of large importance to the study of this and other medieval sources.

KEYWORDS: History; Psychoanalyses; Guibert de Nogent.

A história é uma disciplina largamente cultivada entre as nações e as raças. É avidamente procurada. O homem da rua e o povo vulgar aspiram a conhecê-la. Os reis e os chefes disputam-na (Ibn Khaldûn).

Desde a fundação da Escola dos *Annales* na França, em 1929, uma das marcas da Nova História foi o diálogo com outras áreas do conhecimento humano (Burke, 1997). Essa troca de experiências fez a História absorver variados conceitos teóricos e metodológicos e tornar-se mais erudita e aberta a compreender a humanidade sob uma miríade de novos ângulos (Santos, 2005:40-41). Quase oito décadas depois, ainda sentimos os ares dessa mudança, assim como seus desvios. Em alguns casos, das trocas passou-se a uma perigosa unilateralidade, com a História perdendo sua especificidade em prol das disciplinas com as quais, em princípio, deveria apenas dialogar. O resultado dessa inversão foi a produção de muitas pesquisas anacrônicas e pouco preocupadas com os aspectos culturais e sociais dos temas abordados.

Com base nesse primeiro nível de constatação, passo à análise de um determinado segmento dessa aproximação: a *Psico-História*. Capaz de englobar vários períodos da História da humanidade, ela dividiu e ainda divide opiniões, quer seja nos métodos que utiliza quer seja nas interpretações que produz.

Por volta dos anos 50 do século XX, um grupo de historiadores (sobretudo americanos, cf. Cardoso, 1995:46) lançou a possibilidade de se estudar personagens históricos a partir da Psicanálise. Fundada pelo médico vienense Sigmund Freud (1856-1939), essa teoria tem como premissa a compreensão dos seres humanos alicerçada em três dimensões: a linguagem, a morte e o sexo, todas presentes em experiências traumáticas

da infância e registradas pela memória de um indivíduo (Freud, 1976; Santos, 2005:42).

Conhecidos como *psico-historiadores*, esses profissionais incorporaram os *insights* psicanalíticos à História na tentativa de melhor compreenderem as ações daqueles que tomaram como objeto de estudo (Burke, 1992:32). Nas décadas posteriores, surgiram numerosas pesquisas que assumiram essa disposição. Trabalhos com consistência e longevidade, como os de Peter Gay (1989, 1990 e 2001), são exemplos dessa produção.

A Psicanálise também inspirou historiadores a refletirem acerca do modo pelo qual trabalhavam suas fontes primárias. O italiano Carlo Ginzburg foi um deles (1989:143-179). Com muita propriedade, Ginzburg analisou as semelhanças entre o labor minucioso dos psicanalistas, que constroem suas teorias e diagnósticos a partir de pequenos sinais presentes na fala de seus pacientes, e o trabalho detetivesco dos historiadores, que muitas vezes decifram fragmentos mínimos de um passado há muito esquecido. Segundo o pesquisador italiano, esses profissionais chegam às suas conclusões ao tomarem como referência detalhes e desvios quase imperceptíveis aos olhares dos não iniciados.

*

No presente artigo, discutiremos essa metodologia a partir dos estudos realizados sobre Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125), um pouco conhecido abade beneditino que viveu na região da Picardia, norte do reino da França medieval. Nosso intento é refletir a respeito de determinados pontos dessa postura historiográfica, que desejou examinar o pensamento de Guiberto ao se pautar no arcabouço teórico oferecido pela Psicanálise. As temáticas básicas apresentadas versavam sobre a sexualidade do abade e a relação afetiva que ele manteve por muitos anos com sua mãe, por ele descrita como uma mulher muito bela e casta (Lanzieri Júnior, 2005).

Esse tipo de estudo sobre o abade Guiberto de Nogent foi predominante nos Estados Unidos e na Inglaterra nos anos 70 e 80 do último século, e ressoou inclusive no Brasil. Nosso desígnio não é simplesmente desqualificar essa produção, mas refletir acerca de seus limites e possíveis anacronismos para o estudo de um personagem de uma época tão distante. O conjunto formado por esses estudos teve como fonte *Monodies*,¹ obra na qual o abade Guiberto deixou suas memórias registradas.

Guiberto de Nogent escreveu *Monodies* por volta de 1115 (Duby, 1988:104), quando já era abade do mosteiro de Nogent-sous-Coucy.² Nessa época, ele tinha entre 55 e 65 anos (Benton, 1984:229-239). Devido ao

caráter mais pessoal de seus capítulos iniciais, autores modernos a definiram como uma *autobiografia* e a chamaram *De vita sua*. Também afirmaram se tratar de uma genuína manifestação de *individualidade*, sem levar em conta a polissemia histórica desse conceito e sua dificuldade de aplicação à Idade Média Central (séculos X-XII) (Bynum, 1982:82-109; Gourevitch, 2002:621-631).

As *Confissões* de Santo Agostinho (354-430)³ são consideradas uma das mais importantes fontes de inspiração que o abade Guiberto encontrou para construir seu texto. Porém, ele inverteu a estrutura do pensamento do antigo bispo de Hipona: se Agostinho fez uma grande reflexão ao olhar para dentro de si, o abade de Nogent olhou para o mundo ao seu redor. Diferente daquele que o inspirava, Guiberto só conseguiu ver o caos e o desejo de autodestruição, visão que não se alterou até o fim de sua obra (Rubenstein, 2005:28).

Guiberto foi muito dinâmico ao executar sua empreitada. Ao confiar em sua memória, ele escreveu sem fazer revisões ou estabelecer um plano prévio para o desenvolvimento de suas idéias (Partner, 1996:364). Ao longo dos mais de cinquenta capítulos que compõem *Monodies*, nosso autor também descreveu muitas das tentações que suportou e as formas pelas quais conseguiu superá-las. No ocaso de sua vida, ele quis mostrar a todos a vitória sobre seus pecados, como provas de remorso e humildade, pois exaltar a magnitude da misericórdia divina foi um de seus objetivos (Colombás, 1993:390-391).

O sentido de História de Guiberto era muito diferente do nosso: sem compromissos técnicos ou críticos, *edificar* era o seu dever (Colombás, 1991:506, Guenée, 2002:523-536 e Fernández, 2004:352-358). Ao escrever suas lembranças, Guiberto quis produzir um *livro exemplar*, e o ofertou a Deus como prova de seu sincero arrependimento (Benton, 1984:11). Acima de tudo, ele, como um bom pai (*abbas*), quis ensinar seus leitores – provavelmente outros monges – a aspirarem a busca do caminho para um mundo sem males (Duby, 1988:104), pois o dever prioritário de um monge digno de sua condição era cuidar de sua alma, do progresso dos irmãos no claustro e negar humildemente seu “eu” e todos os seus desejos pessoais (Bynum, 1982:40).⁴

Como se encontram atualmente, as memórias do abade Guiberto de Nogent estão divididas em três livros:

- O primeiro é o mais introspectivo, pois o autor escreveu sobre seus primeiros anos de existência. Sem seguir um padrão cronologicamente linear, ele tratou de seu nascimento, sua infância, seus pais e sua educação até se

tornar um monge em Saint-Germer de Fly (por volta de 1070);⁵

- O segundo livro, mais curto, tem como tema central a história do mosteiro de Nogent. Neste livro, nosso personagem ofereceu parcos detalhes sobre seu abaciado, o que permitiu a formação de uma lacuna em sua história pessoal, pois pouco se sabe sobre os anos de Guiberto naquele lugar a partir da leitura de *Monodies*;

- O terceiro e último possui teor de crônica: o abade narrou as origens e os violentos acontecimentos ocorridos na comuna de Laon (1112), assim como falou das pessoas que conheceu durante sua passagem por Nogent. Este livro mostra sua incompreensão em relação à vida nas cidades; a existência cidadina contrastava muito com a busca espiritual e contemplativa monacal e, para ele, inadequada ao procedimento apropriado a um bom cristão e à ordenação da sociedade estabelecida por Deus (Lemmers, 1998:178).

Não sobreviveram manuscritos contemporâneos a Guiberto de Nogent (Rubenstein, 2002:1). Assim, os estudos sobre essa fonte baseiam-se em transcrições do século XVII. Nem mesmo se sabe com precisão se a estrutura do texto que chegou a nós é a mesma redigida pelo autor. Tanto a divisão em três livros quanto os títulos e a distribuição dos capítulos foram feitas por copistas posteriores. Portanto, há uma boa possibilidade de alterações e mesmo supressões no que o abade escreveu originalmente, e isso deve sempre ser levado em conta por parte do historiador em suas análises.

Ao se basear em fragmentos de alguns manuscritos e no próprio texto de Guiberto, Jay Rubenstein (2002:61-63) sugeriu a possibilidade da existência de um quarto livro, originalmente disposto entre o segundo e o terceiro livro de *Monodies*. Segundo ele, essa parte inédita teria importantes informações sobre a atuação de Guiberto durante seu abaciado em Nogent. Para Rubenstein, isso daria um sentido mais coerente à narrativa da obra. Contudo, essa suposição naturalmente não pode ser aferida.

Essa suposta incoerência na estruturação do texto tal qual hoje o conhecemos proposta por Rubenstein não é uma unanimidade entre os especialistas. Trudy Lemmers (1998:175) defende a tese que esses problemas se originaram no fato de essa obra ter sido sempre analisada seqüencialmente. Para ela, a melhor maneira de tratar *Monodies* é inverter a ordem de sua leitura – do terceiro para o primeiro livro – pois os violentos eventos ocorridos na comuna de Laon foram a inspiração para a redação da obra.

Para aprofundar a questão, Lemmers (1998:175-176) citou o historiador Karl Morrison, que há alguns anos defendeu a necessidade de

se estudar textos medievais – considerados verdadeiras obras-primas em seu tempo – com o intento de se encontrar neles seu *núcleo de narrativa*, não a linearidade comum aos textos atuais. No caso de *Monodies*, esse núcleo seria formado pelas considerações feitas pelo abade sobre a catarse social que tomou a cidade de Laon fomentada pela incapacidade de liderança demonstrada por seus bispos.

A proposta de abordagem de Lemmers tem mais consistência quando levamos em conta a reflexão de H. J. Martin (*apud* Hamesse, 2002:141, n. 1) acerca de como nossos antepassados medievais liam os textos que produziam ou os que tinham acesso. Para Martin, eles concebiam de maneira distinta a organização das páginas e o próprio livro, e tinham outra postura quanto às relações existentes entre o discurso escrito e o falado – este último era tão importante quanto o primeiro. Em contrapartida, o homem medieval foi o criador do livro, da letra minúscula e da leitura silenciosa nos formatos que se mantêm praticamente inalterados até os dias de hoje (Baschet, 2006:74-75; Costa, 2002:118).⁶

*

Desconhecidas e pouco influentes quando escritas (Ott, 2005: 317-319), as *Monodies* do abade Guiberto de Nogent ressurgiram séculos depois de escritas, e receberam releituras que variaram de acordo com as intenções dos que as tiveram em mãos. As primeiras análises que levaram em conta esta obra como produto de uma determinada cultura, portadora de uma temporalidade específica e de uma maneira de ver o mundo surgiram somente nas últimas décadas do século XX.

Em 1651, o monge Dom Luc d'Achéry fez a primeira edição em latim de todas as obras conhecidas de Guiberto, inclusive *Monodies*. A finalidade de d'Achéry foi utilizar a obra do abade para legitimar um movimento reformista entre os monges beneditinos franceses de seu tempo (Rubenstein, 2002:03-04). Dois séculos depois, o abade J. Migne reproduziu o trabalho de d'Achéry na *Patrologia Latina*, uma importante e volumosa antologia de textos medievais (Archambault, 1996:xxxvi).

Em 1825, François Guizot traduziu as memórias de Guiberto de Nogent para o francês. Essa tradução fez parte das *Mémoires relatifs à l'histoire de France* (Archambault, 1996:xxxvii). É interessante destacar que este trabalho possui um forte caráter político, pois Guizot viu na estrutura do movimento comunal os precedentes das manifestações revolucionárias burguesas do século XVIII (Oliveira, 2005:551).

Outra edição (em latim) foi publicada por Georges Bourgin em 1907, quando o título *De vita sua* apareceu pela primeira vez (Benton, 1984:1). Em 1981, Edmond-René Labande lançou uma nova edição das memórias de Guiberto (em formato bilíngüe, francês/latim). Intitulada *Guibert de Nogent: autobiographie*, a tradução de Labande é considerada uma das melhores feitas até hoje.

Na língua inglesa, há três versões conhecidas das *Monodies* de Guiberto. A primeira foi feita em 1925 por C. C. Swinton Bland, com o nome *The autobiography of Guibert of Nogent-sous-Coucy*. Ao ter como base o trabalho do monge d'Achéry, Swinton Bland produziu um texto de leitura truncada devido aos seus muitos erros de tradução e interpretação (Benton, 1984:1).

Publicado em 1970 sob o sugestivo título *Self and society in medieval France*, o trabalho de tradução para o inglês realizado por John F. Benton marcou uma significativa mudança nas análises sobre o pensamento de Guiberto de Nogent. Reeditado algumas vezes, o trabalho de Benton chamou a atenção por sua abordagem psicanalítica. Com o surgimento desse livro, chegamos ao cerne de nossa proposta.

Benton utilizou conceitos como “complexo de Édipo”, “complexo de castração” e “narcisismo” para entender o desenvolvimento do caráter e da sexualidade de Guiberto, e alicerçou sua investigação nos capítulos nos quais o abade escreveu sobre a sua infância e juventude. Para Benton (1984:23), a prematura perda do pai foi altamente decisiva na formação da personalidade de Guiberto. Mais ainda: sem a presença de uma figura masculina mais próxima e atuante, o jovem Guiberto não teve oportunidade de quebrar o código moral imposto por sua mãe.

Praticamente contemporâneo a Benton, Jonathan Kantor (1976:281-303) publicou um artigo que seguia essa mesma linha de raciocínio. Muito mais ousado e explícito que seu predecessor, Kantor viu em *Monodies* uma “fonte psicológica” e defendeu que a mãe de Guiberto foi a grande responsável pelos muitos temores que ele tinha em relação ao sexo. Não obstante, ela também exerceu forte influência na formação da “conturbada” personalidade do futuro abade de Nogent.

Nos anos 1990, Nancy F. Partner (1996:359-379) reforçou as idéias propostas por Benton e Kantor. Ao analisar o que Guiberto escreveu sobre a longa relação que manteve com sua mãe, Partner afirmou ter encontrado em *Monodies* uma “vontade egocêntrica” do abade em ter sua mãe só para si, um vivo “sentimento de dominação” demonstrado desde sua mais tenra

infância e que ele não foi capaz de resolver nem mesmo em sua maturidade. Essa intenção poderia ser observada na “disputa fantasiosa” que o abade manteve com os outros homens que quiseram tomá-la em matrimônio depois que ela se tornou viúva (Partner, 1996:369 e 378, n. 17).

No Brasil, David Leo Levisky (2004) trilhou a passagem aberta por Benton, Kantor e Partner e ofereceu outras interpretações psicanalíticas sobre *Monodies*. Em suas considerações, Levisky partiu da premissa que houve sim uma condição infantil na cultura medieval, o que contraria a antiga afirmação de Philippe Ariès (s/d:17-18) que, nos anos 1960, assegurou que as crianças medievais eram tratadas como pequenos adultos, pois não havia espaço para elas naquela sociedade.

Ao se ancorarem na Psicanálise, esses pesquisadores entenderam Guiberto como um indivíduo detentor de uma sexualidade reprimida pela religião e, desde sua infância, por sua mãe. Para isso, tomaram como *provas* as críticas proferidas pelo abade contra o comportamento sexual de vários nobres anticelibatários e pouco afeitos aos votos matrimoniais, e os louvores que ele teceu acerca da pureza e castidade mantidos por sua progenitora. Assim, elaboraram *conclusões atemporais*, que negligenciavam (ou mesmo desconheciam) os sólidos pilares morais e espirituais do monasticismo medieval, sobretudo o de vertente beneditina. Com efeito, elas ignoravam um importante fato: as religiões tradicionais – e, no caso, o catolicismo – têm uma forma muito diferente do mundo laico e pós-moderno de pensarem o corpo e a sexualidade.

Observar Guiberto sob esse prisma obscurece a singularidade de suas idéias, pois limita toda a sua gênese à sua infância e à influência materna. Além disso, esses pesquisadores não levaram em consideração o fato de que Guiberto escreveu *Monodies* quando tinha cerca de 60 anos, ou seja, ele promoveu uma visão retrospectiva de seu passado, o que nos faz imaginar, entre outras coisas, que ele estava preocupado em mostrar arrependimento pelos pecados cometidos mediante a proximidade da morte.⁷

Ao repudiar o sexo e louvar a decidida continência de sua mãe, Guiberto fez coro a um pensamento há muito arraigado entre seus pares e legitimado em vários concílios e sínodos da Igreja Católica (Foreville, 1972). Visto como inferior à alma imortal, o corpo, ademais, manifestava o mal de sua alma (Lanzieri Júnior, 2006; Schmitt, 2002:255-256). Controlá-lo e puni-lo eram uma necessidade constante que aproximava o cristão da grandeza divina e do sofrimento imposto a Jesus Cristo para salvar a humanidade.

Falar de sua mãe de forma tão exemplar foi um recurso didático que o abade de Nogent encontrou para enaltecer a *verdadeira Sabedoria cristã*⁸ e os valores que ele acreditava serem os mais adequados a um bom cristão desejoso de sua salvação: o amor a Deus, a continência e o desejo de crescimento espiritual (Mulder-Bakker, 2005:31-33). Assim como Santa Mônica, a dedicada mãe de Santo Agostinho, a mãe de Guiberto o preparou para uma vida a serviço da obra de Deus (*opus Dei*), e mostrou a seu filho mais novo todas as benesses espirituais que essa forma de existência poderia lhe oferecer (Costa, 1995:21-35).

Portanto, as teorias psicanalíticas são insuficientes para a compreensão de personagens medievais por quatro motivos básicos:

- a) Os homens do passado estão mortos: não podem manifestar seu ponto de vista diante do analista – é sabido que a presença do paciente é de vital importância para o tratamento psicanalítico (Burke, 2004:215);
- b) A Psicanálise teve como referencial epistemológico a sociedade européia ocidental e industrial dos séculos XVIII e XIX, detentora de uma forma de pensar muito diferente da dos homens do século XII e dos períodos anteriores (Cardoso, 1995:45-46). Some-se a isso o fato de que, ao contrário dos historiadores, os psicanalistas preocupam-se mais com ações individuais do que com o que se refere ao cultural e coletivo (Burke, 2004:215);
- c) A Psicanálise baseia seus estudos principalmente no livre falar de seus pacientes. Diferente da escrita, a fala é mais aberta e passível de contradições. No caso, por redigir suas memórias (e muito posteriormente aos fatos narrados), Guiberto teve um poder de controle e manipulação muito grande sobre o que deixou à posteridade;
- d) Possíveis patologias de natureza psicológica – caso existam – não se manifestam uniformemente em qualquer época ou qualquer pessoa.⁹ Além disso, as influências culturais e sociais do mundo medieval eram muito diferentes das do século XIX (ou XX, ou XXI) (Cardoso, 1995: 46).

Talvez a Psicanálise possa ser aplicada aos estudos medievais desde que seja proposta uma relação que leve em consideração as perturbações psíquicas individuais e a cultura estudada, no caso, especialmente as bases filosóficas daquela cultura religiosa. Ou seja, se como pesquisadores percebemos a manifestação de algum tipo de distúrbio mental nos personagens que estudamos, devemos buscar naquela filosofia de vida os possíveis motivos formadores daquele quadro.

Os autores que definiram as *Monodies* do abade Guiberto de Nogent como uma obra autobiográfica acreditavam que ele desejava falar de si. Esse suposto *self* de Guiberto inspirou a construção dessa ponte entre

História e Psicanálise nos estudos sobre suas memórias. Porém, eles não levaram em conta o fato de que os padrões literários do mundo medieval eram distintos (Rubenstein, 2005:22-41). O falar direto sobre si não era uma prática comum, preferia-se o uso da vida de pessoas exemplares como santos, os apóstolos ou o próprio Jesus Cristo como espelho, como modelos. Não obstante, esse tipo de atitude poderia conduzir ao terrível pecado do orgulho (Gourevitch, 2002:623).

*

Lançada em 1996, a última edição crítica das memórias de Guiberto de Nogent em língua inglesa é resultado do trabalho desenvolvido por Paul J. Archambault. Seu nome: *A monk's confession: the memoirs of Guibert of Nogent*. O objetivo de Archambault foi oferecer uma tradução adequada aos padrões lingüísticos ingleses. Sem deixar de reconhecer os méritos de seus predecessores, uma das metas desse autor foi corrigir os erros cometidos pelas traduções antecedentes.

Archambault também criticou os estudos sobre o abade Guiberto de Nogent que se basearam puramente na Psicanálise. Para ele, as pesquisas sobre Guiberto e suas memórias devem estar fundamentalmente alicerçadas em uma *abordagem holística*,¹⁰ que saiba combinar na medida certa a História com a Psicanálise. Em seu entendimento, o autor que melhor representa essa proposta é Georges Duby.

Em *O cavaleiro, a mulher e o padre* (1988:103-116), Duby soube vislumbrar as idéias de Guiberto dentro do espaço cultural no qual ele construiu toda a sua trajetória (Archambault, 1996:xxiii-xxiv). Assim, compreendemos melhor a complexidade do contexto em que viveu o nosso personagem (Stein, 2005:79-80), sem esquecer o fato de que naqueles tempos a Igreja tentava regular as atividades sexuais de seu rebanho através de muitas normas. Estas priorizavam o desenvolvimento espiritual dos homens e em si traziam o anseio de afastá-los das influências impudicas do mundo. O sexo e os pecados relacionados ao corpo rebaixavam o homem à condição animal, sem alma e, portanto, incapazes de conhecer a grandeza divina.¹¹

Corroborar com uma visão estritamente psicanalítica é conceber uma História chapada e uniformizada, como se a humanidade não fosse capaz de se transformar ao longo dos séculos. Uma das melhores formas de se entender os medievais é respeitar sua *alteridade*, o que nos permite, ainda que parcialmente, sentir e ouvir aquilo que eles têm a nos dizer. A questão é pensar a Idade Média sem as amarras materialistas atuais, sem antepor as fontes primárias a quaisquer teorias interpretativas modernas

na tentativa de se encontrar a “verdade” inerente a essa época (Baschet, 2006:45; Le Goff, 2005:176).

Em seus estudos sobre Guiberto de Nogent, Trudy Lemmers (1998) tomou uma rota diferente dos psico-historiadores ingleses e americanos e mostrou o abade como um homem sábio e coerente. Lemmers alertou para o perigo de se estudar os três livros de *Monodies* em partes isoladas, pois eles formariam o corpo de uma idéia maior: o conceito de *liderança cristã* defendido pelo abade. Para forjá-lo, Guiberto se inspirou no comportamento reprovável dos bispos de Laon, que conduziram aquela cidade ao caos no episódio que ficou conhecido como a revolta na Comuna de Laon (Lanzieri Júnior, 2005).

Quanto à análise de textos medievais, é de suma importância destacar que a grafia das palavras muda em um ritmo mais lento se comparado a todo o conceitual existente por trás delas (Bloch, 2001:138-142; Le Goff, 2001:121). O historiador deve estar atento e se transformar em um *arqueólogo*, e assim encontrar o significado delas no tempo e no espaço (Costa, 2004). O que Guiberto deixou escrito deve ser interpretado e entendido à luz da época em que foi produzido, sem dispensar uma boa dose de *imaginação histórica* que nos permita o alargamento qualitativo das possibilidades de entendimento que a fonte primária nos oferece (Franco Júnior, 2005:32-33).

De nossa parte, intentamos estudar o abade Guiberto de Nogent e sua obra historicamente, conforme as maneiras de pensar vigentes nos séculos XI e XII, e a partir do conjunto das relações sociais e políticas que ele estabeleceu durante seus cerca de vinte anos de abaciado. A mínima reconstrução da *condição de vida* que um dia permitiu a existência da fonte (Schuback, 2000:33-34), e a *verdade de Guiberto* – aquela que ele quis transmitir a seus leitores e ouvintes – conduzem nossas interpretações.

Por fim, acreditamos que o historiador, sobretudo o medievalista, deve tratar sua documentação como *restos presentes de um passado* (Oakeshott, 2003:76-85), restos que terão suas lacunas devidamente preenchidas quando aquilo que um dia lhes permitiu existir for resgatado da escuridão do esquecimento. Essa condição é possível através de uma compreensão histórica delimitada por uma abordagem analítica que leve em conta o passado *em si*, como expressão de algo que foi perfeitamente coerente para aqueles que nele viveram e pensaram (Gadamer, 1998:18).

Este artigo é dedicado ao amigo Prof. Luís Fernando Gonçalves Leitão

Notas

* Artigo submetido à avaliação em 8 de maio de 2007 e aprovado para publicação em 14 de agosto de 2007.

¹ Traduções utilizadas: Archambault (1996), Benton (1984) e Labande (1981).

² Localizado próximo do castelo dos nobres de Coucy, e distante cerca de 20 km da cidade de Soissons, o mosteiro de Saint-Marie de Nogent sobreviveu até o século XVIII, quando foi parcialmente destruído pelos revoltosos da Revolução Francesa (1789). Durante os bombardeios da I Guerra Mundial (1914-1918), foi reduzido a algumas poucas ruínas.

³ Um dos santos mais antigos e conhecidos da Igreja Católica, Agostinho de Hipona é considerado um importante teólogo e filósofo católico. Nascido na África, mudou-se ainda jovem para a Itália, onde lecionou nas cidades de Roma e Milão. Depois de um período envolvido com o paganismo, converteu-se ao cristianismo (386). Em 396, foi nomeado bispo de Hipona, no norte da África. Sua obra mais importante e influente é a *Cidade de Deus* (413-427). Sobre Santo Agostinho, ver, entre outros, Brown (2005).⁴ Como um dos principais documentos utilizados para a regulamentação da vida no claustro, *A Regra de São Bento* (1999) reservou à humildade suas considerações mais extensas. O segundo dos 12 graus da humildade, segundo São Bernardo em seu “Tratado sobre os graus da humildade e da soberba”, é não amar a própria vontade (“II. Proprian non amare voluntatem”) (San Bernardo de Claraval, 1993: 169).

⁵ Por volta de seis milhas de distância a oeste da cidade de Clermont, o mosteiro de Saint-Germer de Fly foi fundado no século VII.

⁶ “Ao prolongar a renascença do século XII, o século XIII garantiu o progresso decisivo do livro. Este conhecera um primeiro crescimento entre os séculos IV e VII, quando sucedera ao *volumen* da Antigüidade, rolo de consulta relativamente incômoda, o *codex*, que introduzia a revolução da *página* num manuscrito muito mais fácil de consultar porque, além dos livros litúrgicos, tinha muitas vezes dimensões modestas e por isso era transportável. A difusão do livro *codex* foi freada por duas condições. A primeira foi de ordem sociointelectual. O número de pessoas capazes de ler estava limitado aos monges formados nos conventos, que dispunham das únicas bibliotecas da época, as dos *scriptoria* monásticos. A segunda não foi menos restritiva. O livro *codex* manuscrito era feito sobre o pergaminho. O número de peles de vitelo ou, mais freqüentemente, de carneiros necessários para a confecção de um livro era muito elevado e, por conseguinte, os livros eram muito caros. A procura de livros aumentou com o número de escolas urbanas e, sobretudo, das universidades” (Le Goff, 2007: 180).

⁷ Sobre o estudo de uma autobiografia, Peter Burke (2002: 161-162) considerou importante levar em conta a idade do autor e em qual momento da vida este estaria.

⁸ Sobre a *Sabedoria*, São Bernardo de Claraval (1090-1154) afirmava ser ela “o amor à virtude, fonte de todo o conhecimento, luz que ilumina os caminhos daqueles que desejam abandonar o mundo.” Para Bernardo, Sabedoria deriva de “sabor”, sua sede é a alma, e pode também ser definida como “o sabor do bem”. Assim como Guiberto, o abade de Claraval acreditava que o saber não se limitava a questões técnicas ou materiais. Em seu âmagô, o pensamento de Bernardo trazia o compromisso sincero e contínuo com a busca pela virtude, de Deus em Sua plenitude, o que tornava aqueles que assumiam essa jornada melhores a cada dia. Quando se agarraram a interesses de natureza puramente secular e passageira, os bispos de Laon não foram virtuosos e, portanto, não tinham a Sabedoria em suas almas. Pessoas detentoras de grande maldade, eles não souberam se abrir ao mundo superior que Guiberto e Bernardo desejavam que todos alcançassem [Extratos de várias obras de São Bernardo, em San Bernardo de Claraval (1993)].

⁹ Ao analisar as conseqüências provocadas nas mulheres medievais pelos prolongados jejuns, Michel Lawers (1994: 219-223) percebeu nelas sinais claros de *anorexia*. Essa doença aflige muitas jovens da sociedade moderna, que se recusam a comer qualquer tipo de alimento. Sua origem é o descontentamento que elas têm em relação à estética de seus corpos, pois se consideram sempre acima do peso que imaginam ser o ideal. Na Idade Média, além de não existir o conceito de estética, o jejum existiu pelo ideal ascético, uma forma de agradar a Deus através da recusa e martírio do próprio corpo.

¹⁰ “[...] o holismo constitui o próprio âmagô do pensamento sociológico. Ele considera o todo do sistema social como mais do que indivíduos que dele participam” (Johnson, 1997: 21)

¹¹ Em certa ocasião, o abade João de Fécamp (990-1078) (*apud* DUBY, 1980: 60-61) escreveu: “O homem que não triunfa dos seus vícios torna-se semelhante aos animais; aquele que pratica essas virtudes é talhado à imagem e semelhante do Criador: a humildade dá-lhe a noção do que é, a caridade fã-lo aceder à semelhança do seu Criador.”

Referências

Fontes primárias

ARCHAMBAULT, Paul J. *A monk's confession: the memoirs of Guibert of Nogent*. 1996. [S/l]: Pennsylvania State University Press, 1996.

A Regra de São Bento (edição bilíngüe: latim / português). 2. ed. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 1999.

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da*

América. São Paulo: globo, 2006.

BENTON, John F. *Self and society in medieval France*. Buffalo / London / Toronto: University of Toronto, 1984.

LABANDE, Edmond-René. *Guibert de Nogent: autobiographie*. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Madrid: BAC, ocho volúmenes, 1993, MCMXCIII-MCMXCIV.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret: 2002.

Obras de Apoio

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, s/d.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BROWN, Peter. *Santo Agostinho: uma biografia*. São Paulo: Record, 2005.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____ (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 7-37.

_____. *A Escola dos Annales (1929 – 1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997.

_____. *História e teoria social*. São Paulo: Unesp, 2002.

_____. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004.

BYNUM, Caroline Walker. *Jesus as mother: studies in spirituality of the Middle Ages*. Los Angeles: University of California, 1982.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Nossos contemporâneos e o amor dos antigos. *Phoênix*, Rio de Janeiro, p. 39-52, 1995.

COLOMBÁS. *La tradición benedictina (ensayo histórico): el siglo XII*. Zamora: Monte Casino, t. IV, 1993.

_____. *La tradición benedictina (ensayo histórico): los siglos VIII-XI*. Zamora: Monte Casino, t. III, 1991.

COSTA, Ricardo da. Cluny, Jerusalém celeste encarnada (séculos X-XII). *Medievalia: textos e estudos*, Porto, v. 21, p. 115-137, 2002.

_____. O conhecimento histórico e a compreensão do passado: o historiador e a arqueologia das palavras. *Revista em Foco – Série Outros Tempos*, São Luís, v. 1, 2004.

_____. Santa Mônica: a criação do ideal de mãe cristã. In: III Congresso Nacional de Estudos Clássicos / IX Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 1995, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS), 1995, p. 21-35.

DUBY, Georges. *O ano mil*. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. *O cavaleiro, a mulher e o padre*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

FERNÁNDEZ, Emilio Mitre (coord.). *Historia del cristianismo: el mundo medieval*. Madrid: Trotta, v. 2, 2004.

FOREVILLE, Raimunda. *Lateranense I, II y III*. Vitória: Eset, 1972.

_____. Por uma outra Alta Idade Média. In: ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira (Org.). *Relações de poder, educação e cultura na Antigüidade e Idade Média: estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro*. Santana de Parnaíba: Solis, 2005, p. 27-36.

FREUD, A. *Infância normal e patológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a paixão eterna*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

_____. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: guerras do prazer*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

_____. *Freud para historiadores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São

Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

GOUREVITCH, Aaron. Indivíduo. In: *Dicionário temático do ocidente medieval*. Trad. Flavio de Campos. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, v. 1, p. 621-631.

GUENÉE, Bernard. História. In: *Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, v. 1, p. 523-536.

HAMESSE, Jacqueline. O modelo escolástico da leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 2002, v. 1, p. 123-146.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático de linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KANTOR, Jonathan. A psychological source: 'the memoirs' of abbot Guibert of Nogent. *Journal of Medieval History*, n. 2, p. 281-303, 1976.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. Monges pecadores, doenças punitivas: o discurso repressivo para o mau comportamento monástico nas memórias do abade Guiberto de Nogent (século XII). In: XV Encontro Regional de História, 2006, São João Del Rei. *Anais eletrônicos...* São João Del Rei: ANPUH, 2006, CD-ROM.

_____. Uma mulher sem nome: Guiberto de Nogent e o modelo de perfeição feminina no medievo (século XII). In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. *Anais eletrônicos...* Londrina: ANPUH, 2005, CD-ROM.

LAWERS, Michel. Santas e anoréxicas: o misticismo em questão. In: BERLIOZ, Jacques (apres.). *Monges e religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1994, p. 219-223.

LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *São Francisco de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2001.

_____; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Lisboa: Teorema, 2005.

LEMMERS, Trudy. *Guibert van Nogent Monodiae: een twaalfde-eeuwse visie op kerkelijk leiderschap*. Hilversum: Verloren, 1998.

_____. The crisis of episcopal authority in Guibert of Nogent's *Mono-diae*. In: BIJSTERVELD, A. J. A.; TEUNIS, Henk; WAREHAN, Andrew (Eds.). *Negotiating secular and ecclesiastical power: Western Europe in the Central Middle Ages*. Leeds: Turnhout, 1999, p. 37-50.

LEVISKY, David Léo. *Um monge no divã: o adolescer de Guibert de Nogent (1055-1125?) uma análise histórico-psicanalítica*. 2004. Tese de Doutorado em História – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MULDER-BAKKER, Anneke B. *Lives of the anchoresses: the rise of the urban recluse in medieval Europe*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2005.

OAKESHOTT, Michael. *Sobre a história: e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

OLIVEIRA, Terezinha. Guizot e as origens medievais da sociedade burguesa. In: *Relações de poder, educação e cultura na Antiguidade e Idade média: estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle ribeiro*. Santana de Parnaíba: Solis, 2005, p. 551-559.

OTT, John S. Writing Godfrey of Amiens: Guibert of Nogent and Nicholas of Saint-Crépin between sanctity, ideology, and society. *Medieval Studies*, n. 67, p. 317-365, 2005.

PARTNER, Nancy F. The family romance of Guibert of Nogent: his story / her story. In: PARSONS, John Carmi; WHEELER, Bonnie (Eds.). *Medieval mothering*. London / New York: Garland, 1996, p. 359-379.

RUBENSTEIN, Jay. Biography and autobiography in the Middle Ages. In: PARTNER, Nancy (ed.). *Writing medieval history*. London: Hodder Arnold, 2005, p. 22-41.

_____. *Guibert of Nogent: portrait of a medieval mind*. New York: Routledge, 2002.

SANTOS, Clóvis Pereira dos. História e psicanálise. As mentalidades a partir da Metapsicologia de Freud e Lacan e um possível caso medieval. In: ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira (Org.). *Relações de poder, educação e cultura na Antigüidade e Idade Média: estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro*. Santana de Parnaíba: Solis, 2005, p. 39-45.

SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e alma. In: *Dicionário temático do ocidente medieval*. Bauru / São Paulo: EDUSC / Imprensa Oficial do Estado, v. 1, 2002, p. 253-267.

SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. *Para ler os medievais: ensaio de hermenêutica imaginativa*. Petrópolis: Vozes, 2000.

STEIN, Robert M. Literary criticism and the evidency for history. In: PARTNER, Nancy (ed.). *Writing medieval history*. London: Hodder Arnold, 2005, p. 67-87.